

O SILÊNCIO DE UMA DESPEDIDA WILKINSON

Que destino estranho foi o meu.

Sempre sozinho.

Sentado no meio de tantas mulheres.

Nunca no centro.

Apenas um convidado.

Para falar a verdade, esse papel nunca me incomodou.

Havia outra coisa que sempre prendia a minha atenção.

Uma coisa que as mulheres tomam sem pedir.

Não o dinheiro.

Essa sempre foi a parte menos interessante.

Elas tomam a atenção.

A curiosidade.

Os pensamentos.

Fragmentos de tempo.

Porções inteiras da sua energia cognitiva.

E, na maioria das vezes, fazem isso sem nem perceber.

A primeira regra continuou sempre a mesma.

Fazê-las sorrir.

Mas sem bancar o idiota.

Porque há uma grande diferença entre humor e estupidez.

O primeiro abre uma conversa.

A segunda a encerra.

Do contrário, até o jantar mais elegante acaba virando pouco mais que uma refeição de fast-food.

Foi então que comecei a expor a minha teoria antropológica pessoal do aço.

Eu esperava soar crível.

Não necessariamente ser acreditado.

Imaginei uma manhã distante.

Um homem tinha saído da sua caverna para ir a um encontro amoroso.

Mas a companheira não tinha a menor intenção de deixá-lo ir.

Ela o seguiu pela floresta.

Queria saber aonde ele ia.

Com quem.

E por quê.

Naquele tempo todo mundo era livre, e a promiscuidade ainda não tinha sido inventada pelos sociólogos.

A certa altura, ele ficou furioso.

Pegou uma pedra e a atirou na direção da mulher para espantá-la.

A pedra bateu numa rocha.

Uma faísca.

Depois outra.

Depois fumaça.

O vento fez o resto.

E nasceu o fogo.

O encontro amoroso acabou ali mesmo.

O que tinha acontecido era importante demais.

Ainda não estava descrito em nenhum manual.

Nem mesmo nos manuais da Amazon.

Era preciso observar.

Compreender.

Usar.

As mulheres à mesa escutavam em silêncio.

Ninguém comia.

O garçom teve de levar as sopas de volta à cozinha e requentá-las pela segunda vez.

Então aconteceu uma coisa ainda mais curiosa.

Vários casais sentados nas mesas vizinhas puxaram as cadeiras para mais perto de nós.

Parecia um espetáculo de teatro.

E, no entanto, eu só queria fazê-las sorrir.

Foi nesse momento que deixei de ser crível.

E passei a ser acreditado.

Eu estava contando uma história que ninguém jamais tinha escrito.

Uma história possível dos nossos antepassados.

Parei.

Olhei para Maggy.

“Quer que eu continue?”

Ela não hesitou um segundo.

“Quero, seu filho da puta magnífico.”

E todos nós caímos na gargalhada.

Então continuei.

Com o fogo, a mulher começou a entender que aquela descoberta podia ser usada para a comida.

O calor mudava os sabores.

Transformava a própria natureza.

Sem que ninguém percebesse, a expectativa de vida humana, que mal chegava aos vinte anos, avançou lentamente rumo aos quarenta.

O fogo a tinha dobrado.

A contaminação bacteriana diminuiu.

As infecções recuaram.

O corpo humano ganhou tempo.

Depois, numa tarde qualquer, diante de uma caverna, aquela mesma mulher recolheu algumas pedras.

Examinou-as de perto.

Bateu umas nas outras.

Estudou-as.

Sem altos-fornos.

Sem siderúrgicas.

Sem engenheiros.

Ela começou a longa viagem que um dia levaria ao metal.

E, mais tarde, ao aço.

Por isso, se não fosse por uma mulher, eu não estaria aqui hoje.

Nunca teria conhecido vocês.

Nunca teria apreciado vocês.

Nunca teria conseguido embrulhar numa despedida aquilo em que me tornei.

A mesa ficou em silêncio.

Um silêncio diferente de todos os outros.

Não era o silêncio da expectativa.

Era o silêncio da despedida.

Olhei para Maggy.

Olhei para a filha.

Olhei para as netas.

E percebi que não estava me despedindo de uma família.

Estava me despedindo de uma história.

Família Wilkinson

Vocês são bem-vindas.

Levantei-me e fui embora.

Porque nunca consegui suportar as lágrimas de uma mulher.

Ferdinando